

1. Introdução

Como podemos pensar a reviravolta do pensamento ocidental, sem antes conhecermos os personagens que a fizeram? Em uma época onde o conhecimento se volta, ora para a dominação da experiência, ora para a força da razão, ergue-se uma voz de uma nova aurora para o espírito humano. Um sátiro que brinca com as questões mais essenciais e significativas do pensamento ocidental; um raio, reluzindo um clarão sobre a metafísica obscurecida pela falta de contato com suas próprias criações. Voltando sua visão altamente crítica para os valores milenares de uma cultura que se coloca ajoelhada diante de seu idealismo, Nietzsche surge para mostrar que a única possibilidade real para o conhecimento é o fluxo, o integrar-se com o mundo, deixando de lado a construção de um sujeito pronto e acabado, para colocar o homem em uma condição que o leve a aceitar o mundo que o cerca pelo viés do *pathos*, do sofrimento, sem almejar recompensas e salvação para o seu próprio caminho.

Assinalando a arte como trajetória para a superação de si, o filósofo nos coloca em direção a um futuro sem bordas previamente demarcadas, ou de outra maneira, uma realidade que se mostra por si mesma, sem a intervenção do pensar humano, bloqueando o que se pode adquirir através da sensação estética.

A pesquisa se foca em dois pontos principais: De onde vem a inspiração para, em uma modernidade consumida pelos seus próprios valores, surgir um pensamento original como o de Nietzsche? Em segundo lugar, como seria possível reverter um estado em que temos um modelo de homem afundado na perspectiva moral da metafísica tradicional? Veremos que, enquanto a formação do indivíduo nos leva para a conservação do otimismo teórico, o passado estético da Grécia nos mostra um mundo sem a ilusão de desassociar a realidade imanente da pura contemplação do fenômeno.

Outro aspecto da pesquisa é o de acentuar a capacidade de inovação da própria existência, mostrando que o mundo, enquanto rede de forças, só pode ser totalmente experimentado por um novo sentido dado à arte, o de formador do

gênio, que proporcionará o surgimento da criação de outra vivência, realizada através do que Nietzsche chama de “educação estética”.

No primeiro capítulo, faremos uma genealogia da influência mais evidente do pensamento nietzschiano: o mundo grego. Sua concepção do fenômeno trágico da Grécia antiga nos faz ver através do passado, uma nova possibilidade para o presente. Sua interpretação da tragédia tornou-se especialmente inovadora, por apresentar o grego como pessimista, mas trazendo esse sentimento como afirmador da vida. Outra grande contribuição do filósofo para a contemporaneidade é a descoberta, por influência da tragédia, dos fenômenos estéticos Apolo e Dioniso, que serão estudados nessa primeira parte, bem como a destruição do espírito trágico por Eurípedes, influenciado diretamente por Sócrates e sua teoria da virtude e das idéias como eternas e imutáveis.

Na segunda parte, mostraremos o desenvolvimento do que Nietzsche chama, em *Assim falou Zaratustra*, as três transformações do espírito, que seria a maneira como o autor descreve as etapas necessárias para a superação do homem, proporcionando um salto para a afirmação do super-homem, bem como o caminho que o leva a perceber o mundo como uma rede de forças, ligadas entre si, sem uma essência prévia formadora do conhecimento e, também, do homem. Em suma, sua batalha contra a metafísica tradicional, que é apresentada advinda de uma espécie de contrato social firmado pelo homem para sua própria preservação.

No último capítulo, após ver o nascimento do super-homem pela afirmação do lado existencial da condição humana, veremos a concepção de uma nova perspectiva para o surgimento daquele que Nietzsche concebeu como o criador de novos valores: o gênio, identificado simultaneamente como o super-homem.